

PERCEPÇÕES DE FALANTES DO MUNICÍPIO DE CARAÚBAS/RN EM
RELAÇÃO AO SEU PRÓPRIO FALAR

Carlos Romário de Lima¹

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as percepções dos falantes do município de Caraúbas/RN em relação ao seu próprio falar. A pesquisa foi desenvolvida com uma abordagem qualitativa e quantitativa. Para alcançar esse objetivo, foram aplicados questionário/entrevista, permitindo que os participantes respondessem de maneira aberta e detalhada, garantindo uma expressão autêntica de suas opiniões. Entre os autores que fundamentaram a construção teórica deste trabalho, destacam-se Labov (2008), Coelho et al. (2015), Sabino e Philippsen (2021), Silva (2021), Bagno (2007), entre outros, que nos ajudaram na construção teórica deste trabalho. A partir dessas observações, identifica-se que os caraubenses apresentam uma atitude positiva sobre o seu sotaque, porém quando refere-se a contextos formais ou externos, houve uma tendência de desvalorização, com muitos percebendo sua forma de falar como inferior ou inadequada quando comparada ao padrão formal da língua.

Palavras-chave: Sociolinguística; Atitudes linguísticas; Falante.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the perceptions of speakers in the municipality of Caraúbas/RN in relation to their own speech. The research was carried out using a qualitative and quantitative approach. In order to achieve this objective, questionnaires/interviews were applied, allowing participants to respond in an open and detailed manner, guaranteeing an authentic expression of their opinions. The authors who provided the theoretical basis for this work include Labov (2008), Coelho et al. (2015), Sabino and Philippsen (2021), Silva (2021), Bagno (2007), among others. Based on these observations, we can see that Caraubans have a positive attitude towards their accent, but when it comes to formal or external contexts, there is a tendency to devalue it, with many perceiving their way of speaking as inferior or inadequate when compared to the formal standard of the language.

Keywords: Sociolinguistics; Language attitudes; Speaker.

¹ Graduando do curso de Letras Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
romariollimam2@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

No amplo cenário da diversidade linguística brasileira, os falares regionais desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural e social de suas comunidades. A diversidade linguística no Brasil é um fenômeno perceptível, mesmo sabendo que, “[...] oficialmente, o Brasil é um país monolíngue, em que o português é a língua oficial. Entretanto, a realidade linguística brasileira apresenta notável heterogeneidade” (Altino; Simões, 2017, p.119). Dessa forma, a diversidade linguística, a variação e os fatores sociais que cercam as comunidades de fala são objeto de estudo da Sociolinguística, principalmente a Sociolinguística Variacionista de Labov (2008).

Neste contexto, as atitudes linguísticas desempenham um papel fundamental para entender como os indivíduos percebem e avaliam diferentes formas de falar dentro de uma comunidade linguística diversa. Essas atitudes refletem as percepções, crenças e sentimentos que os falantes ou grupos sociais têm em relação a diferentes línguas ou variedades linguísticas, sendo influenciadas por fatores como status social, identidade cultural, educação e experiências pessoais. Essas influências moldam a maneira como as pessoas interagem e se comunicam, afetando suas percepções sobre seu próprio modo de falar e o de outros.

Diante disso, a justificativa para a realização desta pesquisa está na necessidade de investigar como falantes de Caraúbas/RN avaliam sua própria fala, em um cenário marcado pela variação linguística regional. A hipótese principal sugere que há uma percepção predominantemente positiva entre os falantes de Caraúbas/RN sobre sua variação linguística, embora seja possível que preconceitos, tanto internos quanto externos, influenciem o valor que eles atribuem à sua maneira de falar. Esta análise é crucial para entender como fatores sociais e culturais afetam a visão dos falantes sobre sua identidade linguística.

Partindo dessa perspectiva, este artigo busca analisar, através de pesquisa de campo (por meio de entrevistas), as percepções que falantes caraubenses têm em relação ao seu próprio modo de falar. Esta é uma área de pesquisa ainda em desenvolvimento, principalmente no estado do Rio Grande do Norte. Trabalhos com esse viés são escassos nesse estado, diferentemente do estado da Paraíba, onde há alguns estudos nessa perspectiva, como os de Moraes e Lima (2019) e Silva e Lucena (2021), que abordam uma análise das atitudes linguísticas de falantes paraibanos sobre o seu próprio modo de falar.

Este estudo fundamenta-se em teorias linguísticas que abordam as variações linguísticas e as atitudes associadas a elas. Labov (2008) na Sociolinguística Variacionista e Bagno (2007) em suas análises sobre preconceito linguístico são fontes essenciais.

Contribuições contemporâneas, como as de Sabino e Philippsen (2021) complementam nossa compreensão das percepções individuais sobre a linguagem.

Isto posto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as percepções de falantes do município de Caraúbas/RN em relação ao seu próprio falar. Os objetivos específicos são os seguintes: (a) descrever como falantes do município de Caraúbas/RN percebem o seu próprio falar em relação aos aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais; (b) examinar como os falantes do município de Caraúbas/RN avaliam o seu próprio falar; e (c) identificar, na concepção de falantes do município antes citado, a existência de situações relacionadas ao preconceito linguístico.

Diante disso, o percurso metodológico desta pesquisa envolve uma entrevistas com moradores da zona rural e urbana do município de Caraúbas/RN, utilizando técnicas qualitativas e quantitativas de análise de dados. Foram considerados fatores como idade, gênero, nível de escolaridade, contexto social e localidade dos participantes para uma compreensão abrangente das percepções linguísticas. A análise dos dados será realizada com base em abordagens sociolinguísticas e teorias da percepção linguística, buscando identificar padrões e tendências nas respostas dos participantes.

Este artigo está organizado em cinco seções, iniciando por esta introdução. Na seção 2, referente à Fundamentação Teórica, exploramos as teorias e estudos anteriores que embasam este artigo, tais como a Sociolinguística Variacionista, Atitudes Linguísticas, e o Preconceito Linguístico. Na seção 3, dedicada à Metodologia da Pesquisa, detalhamos os procedimentos e instrumentos de coleta. Já na seção 4, temos a análise dos dados. Por fim, na seção 5 deste trabalho apresentamos as nossas considerações.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutimos brevemente a perspectiva da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008), além de Atitudes Linguísticas e Preconceito Linguístico. Iniciamos pela teoria variacionista de Labov (2008), que fala sobre a variação linguística e as suas relações com fatores sociais, como classe social, etnia, idade e gênero. Em seguida, explanamos sobre as Atitudes Linguísticas, que abordam as opiniões, crenças e sentimentos que os falantes têm em relação a diferentes variedades linguísticas, incluindo sotaques e dialetos. Por fim, falaremos sobre o Preconceito Linguístico, que se refere à discriminação, estigmatização e

desvalorização de uma variedade linguística em relação a outras variedades consideradas mais prestigiosas ou socialmente aceitas.

2.1 A Sociolinguística Variacionista

Nas primeiras décadas do século XX, segundo Coelho et al (2012), a linguística era predominantemente influenciada por duas abordagens principais: a estruturalista e a gerativista. Durante esse período, essas escolas dominavam amplamente esse campo, concentrando-se em estudar a linguagem como um sistema autônomo de regras e estruturas. A linguística estruturalista, influenciada por Ferdinand de Saussure, coloca em foco a linguagem como um conjunto de signos e relações internas. Por outro lado, a linguística gerativa, liderada por Noam Chomsky, enfatizava a gramática universal e a competência linguística inata dos falantes.

Em oposição a essas abordagens, surge a Sociolinguística. Segundo Coelho et al (2012), a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos, na década de 1960, como uma reação às correntes da linguística gerativa e estruturalista, sendo William Labov um de seus maiores expoentes. De acordo com Casemiro (2018, p. 423), “[...] a Sociolinguística se diferencia de posições epistemológicas como as da linguística gerativa e estruturalista, na medida em que se preocupa com a linguagem em uso pelos seus falantes, e não somente com a língua como um sistema formal e abstrato”.

Dessa forma, a Sociolinguística se propõe a investigar como a língua é efetivamente utilizada pelos falantes em diversos contextos sociais e como esses usos variam conforme fatores como classe social, gênero, idade, etnia e região geográfica. Essa abordagem empírica e descritiva busca entender a língua em sua dimensão social e dinâmica.

No Brasil, apesar do português ser a língua falada pela maior parte dos habitantes, há uma grande diversidade linguística que é influenciada por vários fatores. Para Bagno (2007, p.15- 16), “[...] o Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, [...] mas principalmente por causa da trágica injustiça social [...]”. Essa grande extensão territorial do Brasil resulta em diferentes regiões com suas próprias variações linguísticas, como sotaques e estruturas gramaticais diferentes. Além disso, essa diversidade também é influenciada por essa injustiça social que prevalece no país, que é afetada principalmente pela significativa desigualdade na distribuição de renda.

Os estudos da sociolinguística concentram-se na relação entre a língua e a sociedade, examinando como fatores sociais, culturais, políticos e históricos influenciam a linguagem e suas variedades. Dessa forma, Sabino e Philippsen (2021, p. 92) afirmam que “A tarefa da sociolinguística é estudar a língua em uso, ou seja, dentro do contexto social, partindo da comunidade linguística, que é onde acontece a interação verbal e o compartilhamento de um conjunto de normas que dizem respeito aos usos linguísticos.” Essa afirmação realça a importância de entender a língua não apenas como um sistema abstrato de regras gramaticais, mas como uma entidade dinâmica que se manifesta e se transforma dentro de um contexto social específico, além de destacar a importância desses estudos sociolinguísticos para entendermos o uso da língua.

A teoria Variacionista de Labov (2008) enfatiza essa interação entre o espaço e a língua, tendo em vista o contexto social de uma comunidade, assim como os diferentes falares que compõem a estrutura linguística que enriquece a língua. Desse modo, entende-se que “[...] a forma como os falantes agem perante a língua também é de interesse da sociolinguística, porque são as atitudes dos sujeitos que colaboram para a construção linguística de cada um, o que contribui para a heterogeneidade intrínseca da língua.” (Sabino; Philippsen, 2021, p. 93). Vemos, assim, que os falantes são os principais colaboradores para essa heterogeneidade da língua, ou seja, eles são indispensáveis para a existência dessa diversidade linguística.

Coelho et al (2012) pontuam que a Sociolinguística Variacionista de William Labov propõe um novo olhar sobre a estrutura das línguas, especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas, ao integrar de maneira profunda os aspectos sociais e culturais no estudo da linguagem. Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista foca seu objeto de estudo na variação linguística e nas mudanças que ocorrem nas línguas ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais.

Como já foi mencionado, na Sociolinguística Variacionista, a língua é compreendida como um sistema dinâmico e heterogêneo, refletindo a diversidade social e cultural dos seus falantes. Essa perspectiva considera que a variação linguística é intrínseca ao uso da língua, manifestando-se através de diferentes formas que coexistem e interagem no discurso. Para compreender essa complexidade, é fundamental distinguir os conceitos de variedade, variação, variável e variante. Cada um desses termos desempenha um papel crucial na análise da diversidade linguística e na interpretação dos fenômenos linguísticos observáveis em diferentes contextos socioculturais.

Coelho et al (2015) explicam que a variedade é uma forma específica de uma língua utilizada por um grupo particular de falantes. Dessa forma, refere-se a um conjunto de características linguísticas compartilhadas por um grupo específico de falantes, distinguindo essa variedade de outras dentro da mesma língua. Para entendermos melhor sobre o que é variedade, citamos o seguinte trecho.

A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara e a variedade da Zona Leste da cidade de São Paulo; a partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados, na variedade dos falantes mais jovens e na variedade das mulheres; também podemos escolher outros critérios, como a ocupação/profissão (a variedade dos advogados, por exemplo) ou algum hábito que unifique os falantes (a variedade dos falantes que acessam determinada rede social na internet com frequência, por exemplo).(Coelho et al, 2015, p. 14, 15)

Podemos perceber que reconhecer as diferentes variedades dentro de uma língua é crucial para compreender a diversidade linguística e cultural de uma comunidade. Cada variedade carrega consigo uma identidade social e cultural única.

De acordo com Coelho et al (2015), a variação refere-se ao processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial ou representacional, ou seja, com o mesmo significado. Esse processo demonstra a flexibilidade e a adaptabilidade das línguas, que podem apresentar variações fonéticas-fonológicas, morfossintáticas e lexicais dependendo de fatores como região geográfica, contexto social, idade dos falantes, entre outros.

Além disso, para Coelho et al (2015, p. 16), “A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes”. Sobre isso, os autores discutem que “De fato, palavras ou construções em variação, em vez de comprometerem o mútuo entendimento, são ricas em significado social, e têm o poder de comunicar a nossos interlocutores mais do que o significado representacional pelo qual “disputam”.” (Coelho et al 2015, p. 25). Podemos observar isso quando as pessoas ao nosso redor frequentemente se expressam de maneiras diferentes, mas ainda assim conseguem se entender perfeitamente.

Já o conceito de variável, conforme Coelho et al (2015, p. 17), diz respeito “ao lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata”. Esta definição enfatiza a natureza abstrata das variáveis na gramática, destacando que elas representam pontos específicos onde ocorrem mudanças ou variações linguísticas. Essa perspectiva ajuda a entender como as variáveis funcionam como elementos dinâmicos dentro da estrutura

gramatical, permitindo a flexibilidade e a adaptação da linguagem em diferentes contextos. A abordagem abstrata mencionada por Coelho et al (2015) sugere que, embora as variáveis sejam conceitos teóricos, elas têm implicações práticas significativas na análise e compreensão da variação linguística.

Sobre variante, Coelho et al (2015, p. 17) dizem que “Chamamos de variantes as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável [...]”. Desse modo uma variante é uma forma específica que uma variável linguística pode assumir. Em outras palavras, são as diferentes realizações de uma variável linguística. Para entendermos melhor os autores trazem que:

Pensemos na palavra ‘peixe’. Temos duas pronúncias possíveis para essa palavra: peixe e pexe. Note-se que, independentemente da pronúncia, o significado referencial/representacional da palavra se mantém: tanto peixe quanto pexe se referem a um animal [...]. Logo, nesse exemplo, estamos diante de duas variantes de uma variável: o ditongo [ey] e a vogal [e]. Elas são intercambiáveis, ou seja, podem ser trocadas uma pela outra, sem prejuízo da manutenção do significado referencial/representacional”. (Coelho et al, 2015, p. 25)

Portanto, estamos diante de duas variantes fonéticas de uma mesma palavra, chamadas de uma variável linguística. Nesse caso, a variável é a pronúncia do som, que pode ser o ditongo [ey] ou a vogal [e]. Essas duas formas são intercambiáveis, o que significa que se pode usar qualquer uma das pronúncias, sem que isso altere o significado da palavra. Em resumo, a mudança na pronúncia não afeta o sentido ou a referência da palavra “peixe”.

Além de sabermos o que é variedade, variação, variável e variante, outro ponto importante é compreender os fatores internos e externos na variação linguística para entender como e por que as línguas mudam ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Segundo Santana, Oliveira e Reis (2015), os aspectos internos referem-se às características estruturais da língua que influenciam a variação, como, por exemplo, a tonicidade da sílaba, a classe de palavra e o contexto anterior ou posterior a um sintagma ou a um segmento (tipo de consoante ou vogal). Esses aspectos são frequentemente analisados em termos fonéticos-fonológicos, morfossintáticos e lexicais.

Os fatores externos à língua se referem às influências externas que moldam a maneira como as pessoas usam a linguagem em diferentes contextos e situações sociais. De acordo com Santana, Oliveira e Reis (2015) os fatores externos.

[...] podem ser diatópicos (linguagem rural, linguagem urbana), diastráticos (idade, escolaridade, classe social, profissão, posição

social, sexo do falante), estilísticos (situações de maior ou menor grau de formalidade) e diamésicos (comparação entre a língua falada (mais redundante) e a língua escrita (mais planejada)). (Santana; Oliveira; Reis 2015, p.68)

Esses fatores externos são essenciais para entender a variação linguística e como a linguagem se adapta às diferentes necessidades e contextos sociais. Eles ajudam a explicar por que as pessoas podem usar a língua de maneiras diferentes dependendo de onde estão, quem são e com quem estão interagindo.

2.2 Atitudes Linguísticas

Cardoso (2015, p.16) pontua que “[...] as atitudes levam a uma avaliação mais ou menos emocional e orientam o indivíduo a escolher entre diferentes programas de ação”. As atitudes têm um papel fundamental no processo de avaliação e decisão dos indivíduos. De acordo com Cardoso (2015, p.16 apud Lambert e Lambert, 1995, p.100), “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Dessa forma, uma atitude é uma disposição ou tendência mental que influencia como uma pessoa pensa, sente e se comporta em relação a diferentes aspectos da vida.

As atitudes linguísticas de qualquer falante podem variar de positivas a negativas em relação a diferentes variedades linguísticas, o que, por sua vez, influenciam seu comportamento linguístico. Dessa forma, podemos observar que

Uma atitude linguística pode ser entendida como o posicionamento ou comportamento que um indivíduo tem diante de uma variedade linguística específica, podendo ser essa atitude positiva ou negativa para com o modo de falar do próximo. Isto porque as atitudes que os sujeitos conferem uns aos outros acabam sendo transferidas para a língua que utilizam. (Sabino; Philippsen, 2021. p. 94).

Assim, um falante que tenha uma postura positiva em relação a um falar de uma determinada região pode optar por utilizar essa variedade linguística em contextos informais, enquanto um falante com uma postura mais negativa pode deixar de usar essa variedade para se adequar a padrões linguísticos mais prestigiados.

Neste mesmo contexto, Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020) discorrem que, no senso comum, há frequentes discussões sobre o conceito de “falar certo” e “falar errado”. Os falantes muitas vezes percebem uma forma particular de falar como ideal e tendem a adotá-la

em situações mais formais, pois a utilização de sua própria variedade linguística pode ser vista como menos prestigiosa ou até mesmo inadequada. Essa tendência reflete a existência de atitudes linguísticas arraigadas na sociedade, em que certas formas de falar são valorizadas e outras são estigmatizadas. Esses julgamentos podem influenciar significativamente o comportamento linguístico das pessoas, levando-as a ajustar sua fala de acordo com as expectativas sociais e contextuais, mesmo que isso signifique se afastar de sua variedade linguística habitual.

Sabino e Philippsen (2021) destacam a importância de considerar diversos aspectos ao analisar as atitudes linguísticas dentro de uma comunidade. Os autores enfatizam que os principais protagonistas nesse campo são os próprios falantes, suas ações e comportamentos em relação à língua, tanto em relação aos outros quanto a si mesmos. Isso sugere que as atitudes linguísticas não são estáticas, mas dinâmicas e influenciadas pelo contexto social e individual dos falantes. Essa perspectiva ressalta a complexidade das interações linguísticas e a necessidade de compreender as nuances das atitudes linguísticas dentro de um contexto mais amplo. Podemos ver isso no trecho a seguir.

[...] quando o assunto são as atitudes linguísticas, é necessário que se considerem vários aspectos para que seja possível entender o seu funcionamento dentro de uma comunidade linguística. Todavia, cabe ressaltar que, nesta área dos estudos linguísticos, quem ocupa o palco principal são os falantes, seus comportamentos e ações diante da língua, não apenas do outro, como também da sua própria. (Sabino e Philippsen, 2021. p. 94)

Pensando nisso, Sabino e Philippsen (2021) afirmam que as pesquisas em atitudes linguísticas precisam levar em consideração as avaliações e julgamentos que os falantes têm sobre a língua. Dessa forma, surge a importância de compreender não apenas as atitudes linguísticas em relação ao falar dos outros, mas também em relação ao próprio falar desse falante. Isso pode envolver a análise de atitudes em relação ao próprio sotaque, estilo de fala, nível de formalidade linguística e outras características linguísticas que os falantes percebem em si mesmos. Sendo assim, “o propósito da realização de pesquisas em atitudes linguísticas concerne na análise do julgamento que os falantes fazem acerca dos usos linguísticos do outro, como também do seu próprio.” (Sabino; Philippsen, 2021. p.93). Além de “[...] identificar como falantes de um grupo linguístico avaliam características pessoais e sociais de seus pares ou de falantes de outras línguas ou variedades, tendo como base a fala”. (Moraes; Lima, 2019. p.16).

De acordo com Altino e Simões (2017, p.121), “[...] as atitudes linguísticas são, normalmente, reguladas pelos grupos sociais de maior prestígio e cumprem papéis

importantes exercidos na construção do comportamento dos indivíduos” isso reflete e reforça as normas e expectativas sociais predominantes. Os grupos de maior prestígio muitas vezes determinam quais variedades linguísticas são consideradas corretas ou desejáveis, influenciando diretamente as escolhas linguísticas dos falantes. Esse fator influencia diretamente as escolhas linguísticas dos falantes, moldando suas atitudes em relação às diferentes variedades linguísticas e determinando quais variedades são percebidas como mais ou menos valorizadas dentro de um contexto sociolinguístico específico.

Nesse mesmo sentido, de acordo com Cardoso (2015), os falantes frequentemente emitem julgamentos sobre diferentes variedades linguísticas e associam a elas diversos valores. Isso leva à hierarquização dessas variedades, onde algumas formas de falar são vistas de maneira negativa “desagradável” e “feia” e outras de forma positiva “importante” e “conhecida”, símbolo de cultura. Essa hierarquização é influenciada por fatores sociais, históricos e culturais. Por exemplo, o modo de falar de uma região pode ser considerado “cantado” e “lento”, enquanto o de outra pode ser visto como um símbolo de prestígio. Isso acontece porque as variedades linguísticas estão associadas às identidades sociais dos falantes, como classe social, nível educacional, origem regional, entre outros.

Além disso, Cardoso (2015) aponta que as atitudes em relação às variedades linguísticas podem ser normativas ou tolerantes. Os falantes com uma atitude normativa tendem a ser mais puristas e preferem uma forma de falar considerada “correta” ou “padrão”. Já aqueles com uma atitude mais tolerante aceitam uma maior diversidade de formas linguísticas, reconhecendo que todas têm seu valor e função dentro da comunicação humana.

2.3 Preconceito linguístico

Segundo Silva (2021, p.4), “o preconceito linguístico deriva da comparação equivocada sobre o que se apresenta nas diretrizes gramaticais e nos dicionários com as maneiras que as pessoas têm de falar, que dependendo da cultura, são bem diferentes.” Dessa forma, o preconceito linguístico, muitas vezes, ocorre quando há uma falta de compreensão ou aceitação das variações linguísticas que existem dentro de uma língua. As normas prescritivas impostas pelas gramáticas e dicionários nem sempre refletem a diversidade linguística real de uma comunidade, o que pode levar à marginalização ou desvalorização de certos dialetos ou formas de falar. É importante reconhecer e respeitar a diversidade linguística de cada lugar, para que diminua o preconceito e promova uma comunicação mais inclusiva.

Essa comparação equivocada resulta em atitudes discriminatórias em relação a certas formas de falar que não se enquadram nas normas estabelecidas. Torna-se quase impossível falar de acordo com a norma, principalmente sabendo da grande variação na fala que os povos brasileiros têm, que sempre muda de acordo com fatores sociais, econômicos e culturais.

Os fatores que implicam a construção do preconceito linguístico são diversos: o fator social é um deles, como também o fator econômico, no qual as classes mais baixas se sentem inferiores às demais. Desse modo, para Silva (2021, p.5), “[...] a principal fonte do preconceito linguístico, no Brasil, está ligada na maioria dos casos a discriminação que as classes sociais mais baixas sofrem pela comparação que fazem entre a sua forma de falar e a forma considerada correta pelos códigos normativos da língua”.

Nesse contexto, as normas linguísticas determinadas pela classe dominante e pelas instituições educacionais são valorizadas como padrões de prestígio social e cultural. Os modos de falar associados a grupos sociais de baixa renda ou menos privilegiados são constantemente classificados e enxergados como inferiores, inadequados ou até mesmo "errados" de acordo com esses padrões normativos.

A sociolinguística busca abordar e amenizar o problema do preconceito linguístico, reconhecendo a diversidade de formas de falar e promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva das variedades linguísticas. Para que esse preconceito diminua, primeiro é preciso entender o domínio e a solidez das normas gramaticais que muitas vezes são usadas para criar estereótipos sobre o que é considerado “certo” e “errado” na linguagem. De acordo com Bagno (2007, p. 9),

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. (Bagno, 2007, p. 9)

Ao criar estereótipos sobre as formas “corretas” e “incorretas” de falar, as normas gramaticais podem alimentar o preconceito linguístico ao reforçar a ideia de que algumas variedades linguísticas são superiores a outras. A sociolinguística busca desafiar essa solidez normativa e promover uma compreensão mais flexível e contextualizada da língua, reconhecendo que não existe uma única forma “correta” de falar.

Nesse mesmo sentido, Bagno (2007, p.10) enfatiza que “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada [...]”, sugerindo que a língua é dinâmica, em constante movimento e mudança, adaptando-se às necessidades e contextos de seus falantes ao longo do tempo. Por outro lado, a gramática normativa é comparada a um igapó, uma grande poça de água parada, o que implica que a gramática normativa é estática, rígida e imutável, estabelecendo regras fixas que não acompanham as transformações naturais da língua.

De acordo com Laperuta-Martins (2017), o preconceito linguístico é a discriminação contra indivíduos, grupos ou classes sociais baseada na forma como eles se expressam verbalmente. Essa forma de preconceito ocorre quando determinadas variações linguísticas são julgadas como inferiores, erradas ou menos prestigiosas em comparação com a norma linguística estabelecida. O preconceito linguístico pode se manifestar de diversas formas, incluindo a depreciação de sotaques regionais, dialetos específicos ou formas de falar associadas a certas comunidades sociais ou étnicas.

Em seu livro *Preconceito Linguístico*, Bagno destaca que “[...] é necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito” (Bagno, 2007, p.75). Dessa forma, ele enfatiza a importância de um esforço prolongado e constante para aumentar a conscientização sobre o preconceito linguístico. O autor argumenta que desmascarar e compreender os mecanismos prejudiciais e enganosos que sustentam esse preconceito requer um trabalho profundo e contínuo. Além disso, destaca que “[...] o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma” (Bagno 2007, p.75).

Desse modo, internalizar preconceitos e estereótipos negativos sobre si mesmo, especialmente no contexto linguístico, pode ser extremamente prejudicial. Quando indivíduos começam a acreditar que sua forma de falar é inferior ou inadequada, eles podem sofrer com insegurança e um sentimento de inadequação. Esse preconceito contra si mesmo pode limitar suas oportunidades e potencial, criando barreiras internas tão poderosas quanto as externas.

Nesse mesmo sentido, Bagno (2007, p. 75) coloca que “muitos brasileiros acreditam que “não sabem português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada””, dessa forma, trazendo à tona esse auto-preconceito que muitas vezes, adota uma visão depreciativa de sua própria língua e habilidades linguísticas, influenciados por normas e padrões externos que definem o que é considerado “correto” ou “adequado”. Esse

auto-preconceito pode levar a sentimentos de inferioridade, afetando a autoestima e a confiança das pessoas em suas capacidades comunicativas.

3 METODOLOGIA

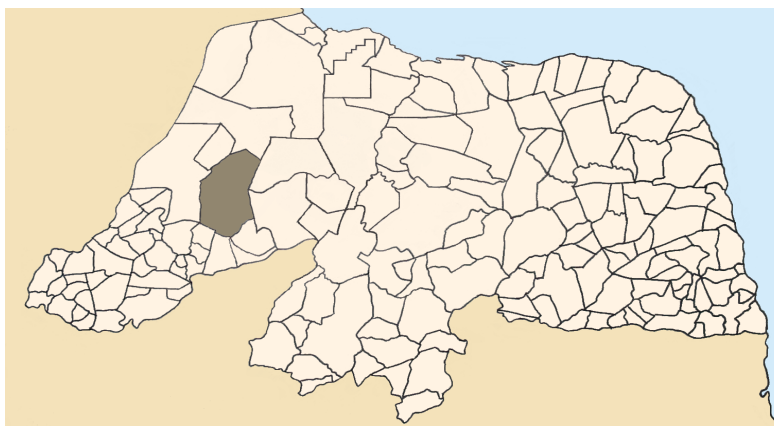
A pesquisa em questão adota uma abordagem abrangente em relação aos aspectos que examina. Nesse contexto, o estudo é quantitativo em certo aspecto, pois quantifica os dados coletados por meio de entrevistas, utilizando métodos de porcentagem; em outra perspectiva, utiliza abordagens qualitativas. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, na qual os pesquisadores buscam compreender os fenômenos estudados em termos dos significados que as pessoas atribuem a eles. Desse modo, obtém-se uma melhor compreensão das nuances e particularidades dos dados, especialmente através de questões abertas. A ênfase recai na necessidade de uma análise detalhada e interpretação cuidadosa para uma compreensão mais profunda da realidade investigada.

Na fase de coleta de dados, optamos por realizar entrevistas, por acreditarmos que essa metodologia permite aos participantes se expressarem de maneira mais clara e detalhada. As entrevistas foram gravadas por meio de smartphones, garantindo um ambiente confortável para que os entrevistados pudessem compartilhar livremente suas percepções sobre o próprio falar. Os participantes foram convidados a responder às perguntas de forma livre, garantindo que pudessem expressar suas opiniões de maneira autêntica e detalhada. A entrevista foi composta por dez perguntas cuidadosamente elaboradas, todas relacionadas ao tema central. Para cada questão, o participante sinalizava livremente “sim” ou “não”, “gosto” ou “não gosto”, seguido de uma justificativa para sua escolha. Esse formato permitiu a coleta de dados quantitativos, complementados por explicações qualitativas. Algumas perguntas desse questionário/entrevista baseiam-se no instrumento elaborado por Silva e Lucena (2022). Além disso, usamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi apresentado aos participantes antes da coleta. Após a conclusão das entrevistas, analisamos os dados para identificar padrões, temas emergentes e nuances nas percepções dos falantes em relação à sua própria língua. As respostas dos participantes foram cuidadosamente ouvidas e transcritas individualmente.

O estudo desta pesquisa é focado em falantes da cidade de Caraúbas, município localizado no estado do Rio Grande do Norte. Caraúbas situa-se na microrregião da Chapada

do Apodi, que pertence à mesorregião do Oeste Potiguar. A cidade está situada a 296 quilômetros de distância da capital Natal. O bioma predominante na região é a caatinga, e o clima é característico do semiárido. O mapa a seguir apresenta a localização do município.

Figura 1 - Município de Caraúbas/RN no mapa do Rio Grande do Norte



Fonte: Google Imagens.

Ademais, o município de Caraúbas apresenta divisões entre zonas urbanas e rurais, A zona rural abriga várias comunidades, enquanto a zona urbana é subdividida em diversos bairros. Desse modo, apresenta uma população de 19,727 segundo o último censo (IBGE, 2022).

Após a descrição das características do local de estudo, é fundamental apresentar o perfil dos participantes., participantes. Nesse sentido, serão considerados os seguintes aspectos: sexo/gênero, idade, nível de escolaridade, ocupação e localização geográfica. Essas informações são essenciais para entender o contexto e a diversidade dos entrevistados envolvidos na pesquisa. As entrevistas foram realizadas apenas com oito participantes, devido à dificuldade em encontrar pessoas dispostas a participar. Para mostrar essas características dos participantes, apresentaremos o quadro a seguir com as informações necessárias.

Quadro 1 - perfil dos/as participante

Participantes	Sexo	Faixa Etária	Escolarização	Profissão	Localidade
01	M	30-38	ES	Autônomo	Rural
02	F	39-49	EM	Agricultora	Rural
03	M	20-29	EM	Estudante	Rural

04	F	20-29	EM	Estudante	Rural
05	M	39-49	ES	Auxiliar de secretária	Urbana
06	F	39-49	ES	Recepcionista	Urbana
07	M	39-49	ES	Agente microcrédito	Rural
08	F	50-65	EF	Aposentada	Urbana

Fonte: dados da pesquisa

Apresentado o quadro acima, observa-se que 50% dos informantes são do sexo feminino e 50% do sexo masculino; 25% estão na faixa etária de idade entre 20 e 29 anos, 12,5% entre 30 e 38 anos, já 50% estão entre 39 e 49 anos, e 12,5% de 50 a 65 anos, em relação ao nível de escolaridade 50% possuem ensino superior completo 37,5% concluíram o ensino médio e 12,5% tem o ensino fundamental completo; quanto à localização geográfica, 37,5% residem em áreas urbanas do município e 62,5% em áreas rurais.

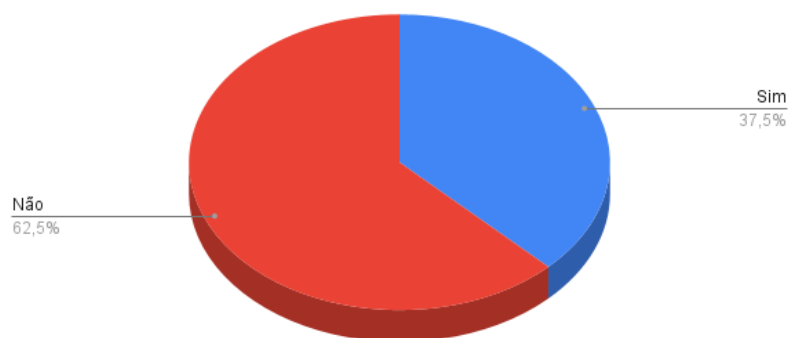
4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão examinados os dados coletados por meio das entrevistas realizadas com os participantes. As respostas fornecidas pelos entrevistados serão analisadas com o objetivo de compreender como os moradores de Caraúbas/RN percebem e avaliam sua própria forma de falar. Essa análise busca identificar as particularidades nas percepções dos falantes, explorando tanto os aspectos positivos e negativos quanto os desafios enfrentados em relação à variação linguística local, e como essas percepções refletem questões culturais e sociais mais amplas.

Dessa forma, a primeira pergunta abordada foi: “Você já parou para pensar acerca do modo como você fala?”. Abaixo temos o gráfico esquematizado com as respostas dos participantes, oferecendo uma visão panorâmica sobre as reflexões dos falantes.

Gráfico 1 - Avaliação do modo como você fala

1.VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR ACERCA DO MODO COMO VOCÊ FALA?



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico revela que a maioria dos participantes, representando 62,5%, nunca refletiu sobre sua forma de falar. Em contraste, 37,5% dos participantes afirmaram que já pensaram na sua maneira de falar. A seguir, apresentamos as respostas dos participantes (01) e (08) para uma análise mais detalhada.

PART. 01: Sim, algumas vezes eu fico pensando na forma como eu devo falar, porque, de acordo com os ambientes em que a gente tá, deve ter o seu comportamento, até na linguagem e no modo de falar.

PART. 08: Sim, em casa eu falo de um jeito e com outras pessoas de um nível maior eu falo diferente.

Os participantes (01) e (08) indicam que mudam a forma como falam dependendo do ambiente e das pessoas com quem estão se comunicando e demonstra uma percepção clara de que a linguagem não é estática e pode ser adaptada de acordo com o contexto social. Isso indica uma consciência na capacidade de ajustar o modo de falar dependendo do ambiente, seja formal ou informal.

Essas respostas ressaltam a complexidade da relação entre linguagem, identidade e contexto social entre os falantes. A reflexão sobre a necessidade de ajustar o nível de linguagem conforme o ambiente revela uma consciência linguística e sugere que as atitudes em relação ao próprio falar podem ser influenciadas por fatores externos, como discutem Santana, Oliveira e Reis (2015).

Em seguida, analisamos a resposta do participante (03) que diz nunca ter parado para pensar no seu modo de falar.

PART. 03: Não, nunca, até porque eu vejo que a forma como você fala está ligada a seu convívio, ao seu ciclo familiar, a socioeconomia, a cultura, então, são vários fatores que acarretam no seu modo de falar.

O participante (03), embora afirme que “nunca” parou para pensar no modo como fala, em sua resposta demonstra uma compreensão sofisticada de que a linguagem é influenciada por vários fatores, como convivência, ciclo familiar, socioeconomia e cultura. Assim, aparenta apresentar uma consciência implícita das forças sociais que moldam sua fala. Isso sugere uma percepção de que a linguagem é adquirida e moldada através das interações cotidianas com as pessoas ao seu redor, especialmente dentro do núcleo familiar, que geralmente é o primeiro ambiente de socialização linguística.

Assim, mesmo sem uma reflexão consciente, o participante (03) reconhece que sua fala é produto de uma série de influências sociais e culturais. Isso complementa as percepções dos participantes (01) e (08), que refletem ativamente sobre a necessidade de adaptar a linguagem de acordo com o ambiente. Como explicam Santana, Oliveira e Reis (2015), fatores externos, como o contexto social e a cultura, desempenham grande impacto na maneira como as pessoas falam, adaptando-se às diferentes situações e expectativas sociais.

Em seguida, os participantes foram questionados sobre suas opiniões a respeito de sua forma de falar. A análise das respostas revelou que a metade dos entrevistados, ou seja, 50% afirmaram que “gostam” de sua maneira de falar. Por outro lado, 12,5% indicaram que “não gostam”. Além disso, 25% consideraram sua fala como “normal”, enquanto os restantes 12,5% não expressaram uma opinião clara sobre gostar ou não da sua forma de se falar. O gráfico abaixo ilustra a distribuição dessas respostas.

Gráfico 2 - Avaliação do próprio falar



Fonte: dados da pesquisa

Com base no gráfico apresentado, é fundamental aprofundar a análise das respostas fornecidas pelos participantes. A seguir, examinaremos as opiniões expressas sobre a forma como os participantes percebem sua maneira de falar.

PART. 01: Eu gosto bastante, com um sotaque muito forte, mas eu gosto muito, não trocaria, não mudaria porque é algo da nossa região, da nossa cultura, eu gosto bastante.

PART. 02: Eu gosto, acho bem conveniente, acho bem propícia para a região que eu moro.

O participante (01) expressa um forte apreço pelo seu modo de falar. No entanto, o uso do “mas” em sua fala sugere que, embora o falante aprecie seu sotaque regional, há uma possível consciência de que ele pode ser visto de forma negativa, possivelmente devido a estigmas ou preconceitos externos.

A repetição do “gosto bastante” ao longo da resposta enfatiza a aceitação e satisfação do participante com sua própria fala. Isso sugere uma atitude positiva em relação à própria identidade linguística, sem inseguranças ou desejos de conformidade com outros modos de falar que possam ser vistos como mais socialmente aceitos ou valorizados em outros contextos.

Já a participante (02) expressa uma percepção de que sua forma de falar é “conveniente” e “propícia” para a região em que vive. Isso indica que ela vê sua linguagem como bem ajustada ao contexto sociocultural local, sugerindo uma harmonização entre sua fala e as normas linguísticas dominantes na comunidade. Além disso, reconhece e valoriza a correspondência entre seu modo de falar e a identidade regional. A menção de que a fala é adequada para a “região que eu moro” sugere um entendimento de que a linguagem é, em parte, moldada pelas características locais e que a fala da participante reflete essa identidade regional.

PART. 07: Não gosto, às vezes eu falo um pouco rápido e às vezes não sou entendido, sendo às vezes necessário repetir.

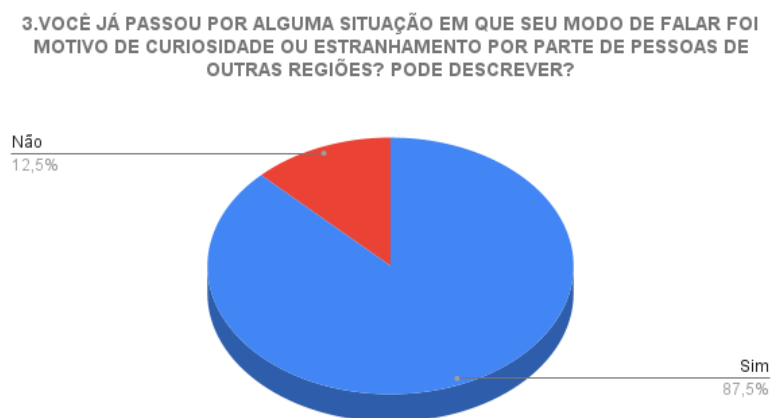
A afirmação “Não gosto” indica uma insatisfação do participante (07) com a própria forma de falar. Essa insatisfação parece estar ligada à percepção de que a velocidade da fala compromete a clareza da comunicação, gerando dificuldades para ser compreendido. Essa percepção pode causar insegurança e frustração no participante.

PART. 06: Teve um tempo que eu falava um pouco rápido, mas atualmente eu acho a forma como eu falo normal.

A participante (06) descreve uma mudança ao longo do tempo em como percebe sua forma de falar. No passado, a fala era considerada “um pouco rápida”, mas agora é vista como “normal”. Isso sugere que a participante passou por um processo de adaptação ou ajuste na percepção e no uso da sua fala, talvez involuntariamente, para se adaptar melhor às suas interações sociais e necessidades comunicativas. Esse fenômeno ilustra a variação diafásica, que reflete a capacidade dos falantes de ajustar sua fala conforme o contexto e as normas sociais, conforme descrito por (Camilo e Mendes, 2015, apud Bagno, 2007). O ajuste na forma de falar da participante (06) pode ter sido uma resposta a feedback social ou uma maior consciência das normas de comunicação em seu ambiente.

Na terceira pergunta, os participantes foram indagados se já tinham passado por situações em que o seu modo de falar despertou curiosidade ou estranhamento por parte de pessoas de outras regiões. O gráfico a seguir apresenta e quantifica as respostas obtidas.

Gráfico 3 - Avaliação de situações de curiosidade e estranhamento em relação ao seu modo de falar



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico revela que a grande maioria dos participantes, 87,5%, já vivenciou situações em que seu modo de falar despertou curiosidade ou estranhamento em pessoas de outras regiões. Apenas 12,5% afirmaram nunca ter vivenciado situações em que seu modo de falar despertou curiosidade ou estranhamento. A seguir, destacam-se alguns relatos compartilhados pelos participantes.

PART. 02: Sim, sempre tem uma palavra ou outra que a gente fala que algumas pessoas não entendem, outras acham engraçadas, mas que é o nosso jeito de falar.

PART. 04: Sim, algumas vezes na faculdade, por eu cursar com pessoas de outras regiões eu uso umas expressões bem típicas de onde eu moro e acaba que as pessoas não entendem ou acham estranho, não acham legal o meu modo de falar.

PART. 06: Sim, no meu ambiente de trabalho, por falar muito o dialeto da cidade que eu moro eu costumava responder tudo com a expressão “nam véi”, e eles achavam curioso.

A participante (02) menciona que “sempre tem uma palavra ou outra que a gente fala que algumas pessoas não entendem”. Isso indica que, em interações com pessoas de outras regiões, certos aspectos da sua forma de falar, como palavras específicas, podem causar estranhamento ou dificuldades de compreensão. Esse fenômeno é comum em comunidades com variações linguísticas e dialetais distintas. A menção de que alguns consideram certas palavras “engraçadas” sugere que a participante tenha passado por alguma situação de preconceito linguístico, sem ela saber identificar essa situação. Como aponta Bagno (2007), os preconceitos se enraízam tão profundamente na mente das pessoas que atitudes preconceituosas acabam se tornando parte natural de como nos comportamos e nos posicionamos no mundo.

De acordo com a participante (04), as expressões que ela usa são frequentemente incompreendidas por colegas de outras regiões. Essa experiência indica que as expressões regionais podem ser uma fonte de mal-entendidos e dificuldades de comunicação em ambientes acadêmicos com diversidade geográfica. A resposta também sugere que, além da falta de compreensão, algumas pessoas “acham estranho” ou “não acham legal” o modo de falar da participante. Isso revela que o uso de dialeto regional pode não apenas causar dificuldades de entendimento, mas também ser avaliado de forma negativa por alguns interlocutores, o que pode impactar a autoestima e a percepção do participante em relação à sua própria forma de falar.

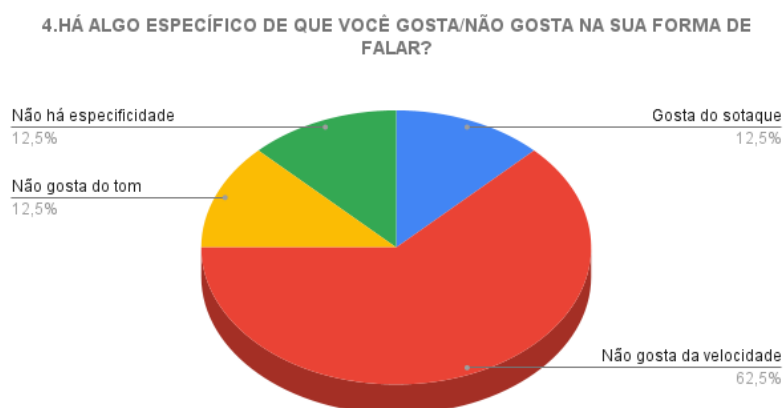
Em sua resposta, o participante (06) revela que no seu ambiente de trabalho usa a expressão “nam véi”, uma forma típica do dialeto local, e que os colegas acham a expressão “curiosa”. A reação de curiosidade sugere que o dialeto regional despertou interesse e atenção, mas não necessariamente de uma forma negativa ou crítica.

A curiosidade em relação à expressão indica que o dialeto é visto como uma característica distinta que gera interesse. Isso pode refletir uma percepção positiva ou neutra,

em que o dialeto regional é visto como uma novidade ou um aspecto interessante da identidade da participante.

No quarto momento das perguntas, os participantes foram questionados se havia algo específico de que gostavam ou não em sua forma de falar, conforme abordado por Silva e Lucena (2022).

Gráfico 4 - Avaliação do gostar ou não da sua forma de falar



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico mostra que 62,5% dos entrevistados expressaram insatisfação com a velocidade de sua fala. Além disso, 12,5% mencionaram não gostar do tom com que falam, 12,5% afirmaram não ter nenhuma característica específica em sua fala que lhes desagrade, e outros 12,5% declararam gostar do próprio sotaque. Nota-se, portanto, que a maioria dos participantes tem algo em sua forma de falar que não aprecia, revelando um sentimento negativo em relação a essa característica. A seguir, são apresentados alguns comentários sobre essa questão.

PART. 02: Sim, às vezes eu falo muito apressada, e às vezes soa ser tipo uma fala arrogante, apesar de não ser.

PART. 04: Sim, eu não gosto que eu falo rápido, porque acaba que eu erro muito, quando eu vou falar, e engulo algumas letras.

PART. 03: Sim, tem dia que eu falo bem arrastado, bem devagar, aí eu fico com raiva [...].

A participante (02) frisa que “às vezes fala muito apressada”, deixando a entender que não gosta desse aspecto na sua fala. Além disso, às vezes a sua entonação de fala soa como “arrogante”, o que traz um sentimento de autocritica da participante. A participante (04)

destaca aspectos específicos de sua percepção negativa sobre o próprio modo de falar, centrando-se na velocidade da fala e suas consequências. Embora a participante não mencione explicitamente as reações dos outros, é possível inferir que a preocupação com os erros e a “engolida” de letras pode estar ligada a como ela acredita que os outros percebem sua fala. Erros de articulação e falhas na comunicação podem ser vistos como sinais de descuido ou falta de preparo, o que pode impactar negativamente as interações sociais. O participante pode sentir que sua forma de falar não está à altura das expectativas sociais ou pessoais.

O relato do participante (03) mostra uma diferença entre os participantes (02) e (04), que expressam seu sentimento de insatisfação ao falar “rápido”. Já o participante (03) diz que não gosta do seu falar “arrastado em alguns dias”. Segundo ele, isso traz um sentimento de “raiva”, isso sugere que esse modo de falar é visto como um desvio indesejado do “padrão” que o participante gostaria de mudar.

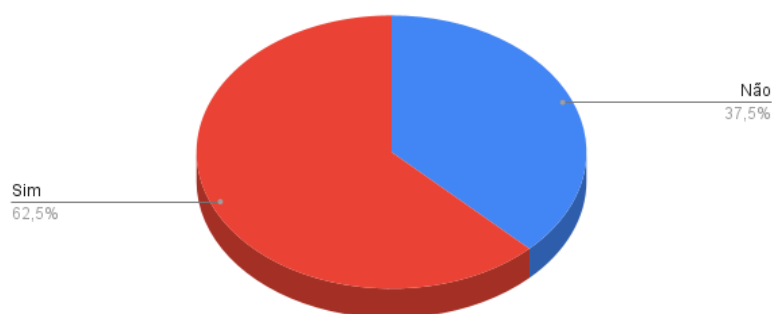
PART. 01: Eu gosto da minha forma de falar do sotaque, da forma que eu me expresso, eu tô sempre buscando poder ter um vocabulário maior, melhor, me expressar de uma maneira correta, mas eu gosto sim da minha forma de falar.

O participante (01) apresenta uma percepção positiva em relação ao seu próprio modo de falar, pois demonstra uma clara valorização do seu sotaque e da forma como se expressa, o que indica uma autoestima linguística. Ele reconhece características de seu falar que o agradam, como o “sotaque”, o que sugere um sentimento de identidade e pertencimento à sua comunidade linguística. O participante também menciona a expressão “de maneira correta” pode sugerir que o participante tem uma noção de que existe uma forma de falar que é socialmente mais aceita ou “correta”. Essa busca por conformidade com um padrão linguístico “ideal” pode indicar a internalização de normas linguísticas vistas como superiores ou mais prestigiadas. Conforme Gorski e Coelho (2009), trata-se de regularidades concretamente observáveis no comportamento linguístico de determinados grupos sociais, especialmente entre os indivíduos considerados “cultos”.

Na quinta pergunta, os entrevistados foram questionados se eles acham que existem formas de falar mais bonitas, melhores ou mais fáceis de entender do que a própria. O gráfico abaixo quantifica os resultados.

Gráfico 5 - Avaliação do dialeto

5.VOCÊ ACHA QUE HÁ ALGUMAS FORMAS DE FALAR MAIS BONITAS, MELHORES OU MAIS FÁCEIS DE ENTENDER DO QUE O SEU? POR QUÊ?



Fonte: dados da pesquisa

Sobre isso, 62,5% responderam “sim”, enquanto 37,5% afirmaram “não”. A seguir, apresentamos algumas das respostas dos participantes.

PART. 01: Não, eu acho que não, respeitando todas as formas de falar de todas regiões, mais eu acho que a mais bonita é a nossa, a melhor também e a que é mais fácil de entender, porque a gente fala de uma forma que dá para todos entenderem, não utiliza-se tantos termos de difícil entendimento.

PART. 04: Mais fácil de entender sim, tem pessoas que tem uma forma de falar mais devagar, as palavras ficam mais bem expressas e é melhor de entender.

PART. 08: Sim, eu acho a do cearense mais bonita, não é porque seja mais fácil, é porque eu acho bonito o sotaque do cearense.

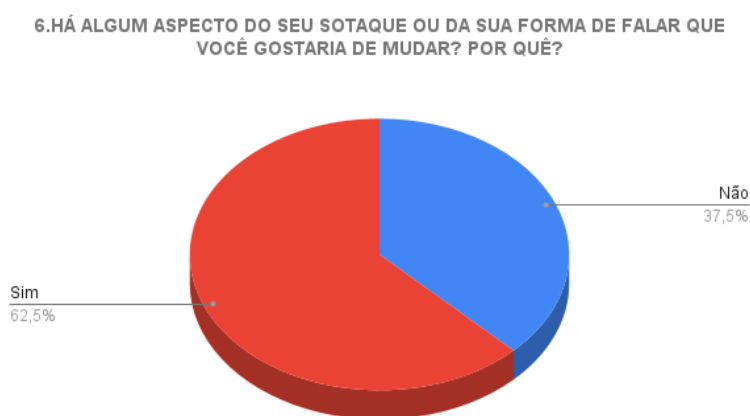
De acordo com o participante (01), há um forte senso de identidade regional e uma valorização do modo de expressão local. Ele enfatiza demonstrando um grande orgulho pela própria forma de falar, considerando-a “a mais bonita”, “a melhor” e “a que é mais fácil de entender”. Embora o participante respeite “todas as formas de falar de todas as regiões”, claramente prefere sua própria variedade linguística. Essa preferência indica que, apesar do reconhecimento da diversidade linguística, há um senso de superioridade ou, no mínimo, uma preferência pessoal por sua forma de falar.

Já a participante (04) destaca que há falares mais fáceis de entender do que o dela e reflete também sobre a própria fala, reconhecendo possíveis limitações. Isso pode indicar uma autoconsciência sobre como sua maneira de falar pode ser percebida pelos outros, especialmente em termos de clareza e facilidade de compreensão. A participante (08), por sua vez, expressa uma preferência pelo sotaque cearense, afirmando que o acha “mais bonito”.

Esse julgamento estético está relacionado à sonoridade do sotaque, que é percebida como agradável ou atraente. Quando fala na “beleza”, não está ligado à clareza ou à facilidade de entendimento, mas, sim, a uma apreciação subjetiva das características sonoras específicas do sotaque cearense, como a entonação, o ritmo e as peculiaridades fonéticas.

A próxima pergunta investiga se os participantes gostariam de mudar algum aspecto de seu sotaque ou forma de falar. Abaixo temos o gráfico que quantifica as respostas dos participantes.

Gráfico 6 - Avaliação dos aspectos do seu sotaque e da sua forma de falar



Fonte: dados da pesquisa

Conforme mostrado no gráfico, 62,5% dos entrevistados expressaram o desejo de mudar algum aspecto de seu sotaque ou forma de falar, enquanto 37,5% afirmaram que não gostariam de fazer nenhuma alteração. A seguir, apresentamos algumas das respostas dos participantes, que detalham suas perspectivas e sentimentos em relação a essa questão.

PART. 01: Não, não gostaria de mudar nada, a forma que eu falo eu gosto bastante, não mudaria nada.

PART. 03: Não, não gostaria de mudar nada, acho o sotaque da gente lindo, só essa partezinha minha que eu falo arrastado, mas o sotaque nordestino é muito lindo, é conhecido.

O participante (01) demonstra uma atitude linguística positiva em relação ao seu próprio modo de falar, ao expressar orgulho e satisfação com sua forma de falar, indicando que não vê necessidade de alteração. O participante (03) também indica uma atitude positiva em relação ao sotaque nordestino, descrevendo-o como “lindo” e reconhecendo sua notoriedade. No entanto, ao mencionar que tem uma “partezinha” da fala que é “arrastada”,

revela uma percepção mais ambígua. Enquanto há um orgulho evidente em relação ao sotaque nordestino como um todo, essa observação sobre o modo “arrastado” de falar pode indicar uma internalização sutil de um preconceito linguístico, pois ele reconhece uma característica de sua fala que, possivelmente, poderia ser alvo de críticas externas.

PART. 02: Sim, algumas situações que eu gostaria de saber me expressar melhor [...] gostaria de ter mais conhecimento para poder me expressar melhor.

PART. 04: Sim, em relação ao meu jeito de falar eu gostaria de falar um pouco mais devagar, mais pausadamente [...], mas em relação ao meu sotaque eu gosto muito dele.

PART. 07: Sim, a velocidade como eu falo, eu gostaria de mudar para ser melhor entendido nas palavras.

PART. 06: Sim, eu gostaria de falar mais formal.

PART. 08: Sim, eu queria ser mais educada, eu falo muito alto [...].

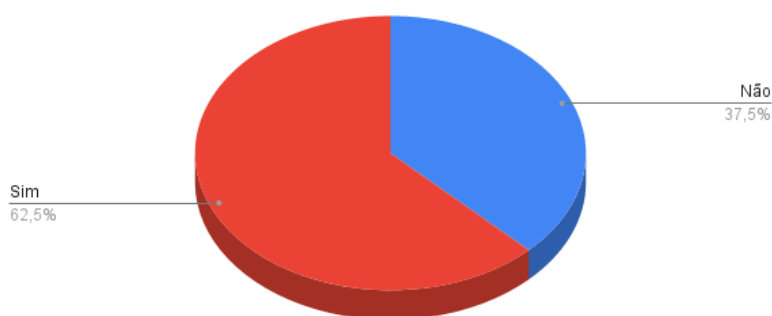
De acordo com a participante (02), em algumas situações, há uma insatisfação com sua habilidade de expressão, que é percebida como insuficiente em certas situações. Além disso, ela coloca que “gostaria de ter mais conhecimento” para poder falar melhor em cada situação. Por sua vez, a participante (04) expressa o desejo de alterar o ritmo de sua fala, que para ela é um ponto negativo. Em relação ao seu sotaque, a participante demonstra uma satisfação e apreço pelo mesmo.

A resposta do participante (07) foca na velocidade da sua fala, segundo a qual gostaria de mudar para ser melhor entendido, o aponta uma atitude negativa sobre esse aspecto da sua fala. A participante (06) expressa o desejo de adotar um registro mais formal, o que pode ser interpretado como uma internalização das normas linguísticas. O desejo de falar mais formalmente pode estar ligado a pressões externas que valorizam a fala formal como superior ou mais educada, sugerindo a presença de preconceito linguístico (Bagno, 2007), pois formas mais informais ou regionais são vistas como inadequadas. A participante (08) associa o volume da fala com a educação, o que pode refletir normas sociais que ligam a fala moderada a comportamentos mais aceitáveis ou refinados. Isso sugere uma preocupação com o autocontrole e a percepção dos outros em relação à própria fala.

A pergunta seguinte explora se os participantes já vivenciaram algum tipo de discriminação relacionado à sua forma de falar.

Gráfico 7 - Avaliação de vivências de discriminação da forma de falar

7.VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO A SUA FORMA DE FALAR? COMO FOI?



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico revela que a maioria dos participantes, 62,5%, já enfrentou algum tipo de discriminação relacionado à sua forma de falar, enquanto 37,5% afirmaram nunca ter passado por essa experiência. A seguir, apresentamos algumas das respostas dos participantes, que ilustram suas vivências.

PART. 02: Sim, às vezes algumas pessoas dizem que a gente fala cantando, às vezes tem umas determinadas brincadeiras, situações que as pessoas interpretam de forma engraçada [...].

PART. 03: Já sim, a forma de se expressar quando a pessoa é homossexual, que geralmente você fala de uma forma mais açucarada, mais afeminada e geralmente para pessoas machistas, preconceituosas, tem esse preconceito de falar: fale direito, fale como homem, e não é bem como a gente escolhe é algo que sai naturalmente, e preconceitos em relação a isso é recorrente na comunidade LGBT [...].

A resposta da participante (02) revela uma experiência de discriminação linguística que, embora sutil, tem o potencial de impactar negativamente a percepção que a falante tem de sua própria fala. A menção ao termo “brincadeiras” indica que o sotaque ou a forma de falar do participante é alvo de comentários que, embora possam ser apresentados como humor, carregam um sentido de desvalorização ou exotização. Essas brincadeiras podem funcionar como uma forma sutil de discriminação linguística, que ridiculariza ou diminui a legitimidade da variante linguística local. Isso caracteriza a intolerância linguística, que, segundo Marcondes (2004, p.3), é “a intolerância aplicada às diferentes variações linguísticas”.

O participante (03) menciona que a sua forma de se expressar está ligada à sua identidade como sujeito homossexual. Além disso, relata que essa forma de falar provoca

reações negativas, particularmente de pessoas “machistas, preconceituosas”, que demandam que ele “fale direito, fale como homem”. Essa exigência reflete um preconceito linguístico que está ligado a normas de gênero e sexualidade, dado que formas de expressão que não se alinham com a masculinidade hegemônica são desvalorizadas e reprimidas. Barbuio (2016, p. 22) discute que a “fala gay” muitas vezes é equiparada às características da fala feminina, o que reforça estereótipos de gênero. Essa associação com a fala feminina evidencia uma percepção preconceituosa que enxerga qualquer desvio da norma linguística masculina hegemônica como algo inferior ou “menos masculino”. Além disso, Barbuio (2016) ressalta que a “fala gay” é frequentemente representada de forma caricata, elevando certos aspectos dessa fala e transformando-a em motivo de ridicularização. A fala “mais açucarada, mais afeminada” é uma variante linguística que pode ser associada à identidade LGBT, e sua estigmatização revela como normas sociais regulam não apenas o que é dito, mas como é dito.

PART. 01: Não, graças a Deus nunca passei por nenhum tipo de situação como essa.

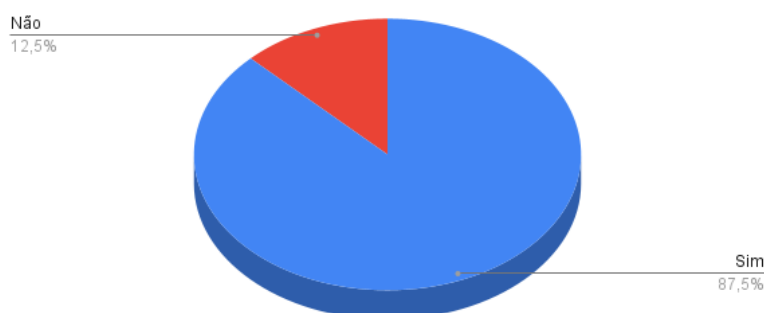
PART. 07: Não, eu nunca vivenciei não.

Para os participantes (01) e (07), eles nunca sofreram nenhum tipo de discriminação em relação a sua fala. A ausência de relatos de discriminação por parte dos participantes pode sugerir que eles não foram alvos de preconceito linguístico, mas também pode indicar que eles não reconheceram ou não perceberam situações sutis de discriminação. Preconceito linguístico pode, em alguns casos, ser tão internalizado que as pessoas não o identificam explicitamente como discriminação, especialmente se esse preconceito é expressado de formas indiretas ou normalizadas pela sociedade.

A pergunta oito busca investigar se os participantes já passaram por situações em que sua forma de falar dificultou a compreensão por parte de outras pessoas. Ela visa identificar se a forma de falar dos entrevistados ocasionou mal-entendidos ou dificuldades de comunicação em suas interações cotidianas. O gráfico abaixo ilustra o resultado.

Gráfico 8 - Avaliação de vivências em relação a ser entendido ou não em razão da sua forma de falar

8.VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUMA SITUAÇÃO EM QUE NÃO FOI ENTENDIDO EM
RAZÃO DE SUA FORMA DE FALAR?



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico acima revela que 87,5% dos participantes já enfrentaram situações em que sua forma de falar dificultou a compreensão por parte de outras pessoas, enquanto 12,5% afirmaram nunca ter passado por essa experiência. A seguir, exibimos algumas das respostas dos entrevistados, que detalham essas situações.

PART. 01: Sim, já passei por algumas situações desse tipo, mais por conta de usar termos utilizados aqui na nossa região [...], por usar um termo que não é utilizado em outras regiões e ter que explicar o significado para poder ser entendido.

PART. 04: Sim, algumas vezes quando eu estou conversando com os meus amigos, eles não entendem algumas coisas que eu falo, e eu tenho que explicar de novo de uma forma que eles entendam.

PART. 02: Não, até hoje não, até porque a gente sempre procura responder às situações de acordo com a situação que a gente se encontra, com as pessoas formais ou informais, então dá para a gente se virar bem.

O participante (01) relata que já enfrentou dificuldades de compreensão ao se comunicar fora de sua região, especificamente por utilizar “termos” que não são conhecidos ou utilizados em outros lugares. Isso sugere que a variação lexical, ou seja, o uso de palavras ou expressões específicas de uma determinada localidade, pode criar barreiras de comunicação. A resposta do participante destaca um desafio frequente enfrentado por falantes de variantes linguísticas regionais: a incompreensão ao utilizar termos específicos de sua região.

Esse fenômeno exemplifica claramente a variação linguística e reforça o que foi discutido anteriormente, ou seja, que fatores externos, como o contexto sociocultural e as interações inter-regionais, influenciam diretamente a construção linguística de uma

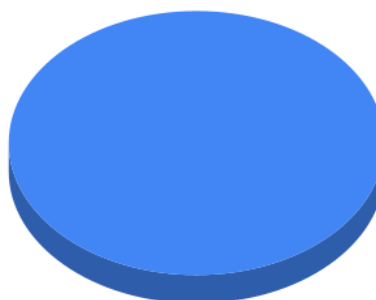
comunidade. A resposta do participante (04) sugere que, mesmo dentro de um grupo de amigos, que geralmente compartilham muitas experiências e contextos culturais, há variações na fala. Isso reflete a complexidade da variação linguística, que pode ocorrer não apenas entre regiões diferentes, mas também dentro de uma mesma comunidade ou grupo social.

A participante (02) afirma nunca ter enfrentado situações em que não fosse compreendida devido à sua forma de falar. Ela explica que sempre se adapta ao contexto e às pessoas com quem está conversando. Esse tipo de adaptação é bastante comum e está alinhado com o que discutimos na seção sobre atitudes linguísticas.

A pergunta nove questiona se os participantes já residiram em outras regiões do país e como sua forma de falar foi recebida por pessoas dessas localidades.

Gráfico 9 - Avaliação de pessoas de outras regiões sobre sua forma de falar

9.VOCÊ JÁ RESIDIU EM OUTRA REGIÃO DO PAÍS? COMO AS PESSOAS LIDAVAM COM A SUA FORMA DE FALAR?



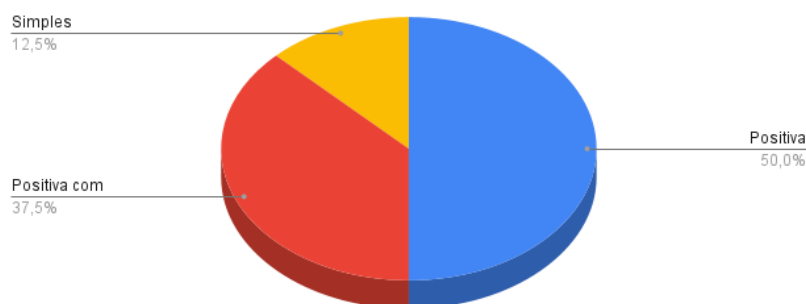
Fonte: dados da pesquisa

Todos os participantes, 100%, responderam que nunca moraram fora de sua região de origem, o que significa que eles não tiveram a oportunidade de vivenciar diretamente como sua forma de falar seria percebida ou tratada em um contexto linguístico diferente do que eles estão acostumados.

A última pergunta busca investigar como os entrevistados percebem e definem a forma de falar dos moradores de Caraúbas/RN. Com isso, visa obter uma visão sobre a percepção que os participantes têm do modo de falar da comunidade local e como avaliam o estilo de comunicação da população da sua região em comparação com outras formas de falar.

Gráfico 10 - Avaliação do falar caraubense

10. COMO VOCÊ DEFINIRIA A FORMA DE FALAR DOS MORADORES DE CARAÚBAS/RN?



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico aponta que 50% dos entrevistados consideram a forma de falar dos caraubenses como positiva, enquanto 37,5% a veem como positiva, mas com algumas características específicas. Apenas 12,5% dos participantes a consideram simples. A seguir, apresentamos algumas das respostas dos participantes, que oferecem uma visão mais detalhada sobre suas opiniões e avaliações da forma de falar dos moradores de Caraúbas/RN, destacando as nuances e particularidades mencionadas.

PART. 01: Uma forma clara e objetiva, lógico que tem seus sotaques, tem sua maneira de falar, mas é uma forma bem normal levando em consideração a região que a cidade está, que a região Nordeste, o sotaque é bem típico nordestino.

PART. 03: Das pessoas que residem na zona urbana elas têm uma forma de falar mais moderna, já as pessoas que moram na zona rural, elas não tem tanto esse sotaque mas atualizado, é uma forma mais matuta, mas não tanto, a gente fala normal não tem essas gírias.

PART. 04: Eu sou suspeita para falar, eu amo a nossa forma de falar, a forma de falar do nordestino e do caraubense, então eu definiria como cultura, porque é isso que a nossa forma de falar é, é isso que a forma de falar das pessoas de cada região é, é muito sobre a cultura de cada região, de cada cidade.

O participante (01) caracteriza a forma de falar dos moradores de Caraúbas/RN como “clara e objetiva”, indicando que a comunicação é direta e facilmente compreendida dentro da comunidade. Ele também descreve a fala local como “bem normal” para a região, enfatizando o sotaque “bem típico nordestino”, uma variação linguística característica do Nordeste. Essa variação pode envolver diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas que distinguem a fala de Caraúbas/RN de outras regiões do Brasil.

A partir do exposto, o participante (03) tem uma postura interessante, uma vez que traz uma distinção clara entre a forma de falar dos moradores da zona urbana e os da zona rural. Ele descreve a fala urbana como “mais moderna” e a fala rural como “mais matuta”, sugerindo uma percepção de que a fala rural é menos atualizada ou menos sofisticada. Esse julgamento caracteriza um estereótipo associado aos falantes da zona rural. Como observam Félix e Rodrigues (2016, p.14) “[...] pessoas oriundas [...] da zona rural, chamados de “caipiras” com sentido pejorativo, por exemplo, representam um estereótipo construído a partir não apenas da maneira de se vestir e portar, mas também na maneira de falar”. Assim, a visão do participante reforça a ideia de que a fala rural é inferior à urbana,

A distinção entre fala urbana e rural pode ser um reflexo de preconceito linguístico, onde a fala rural é vista como inferior ou menos prestigiada. Essa percepção de “modernidade” versus “matutice” pode reforçar estigmas sociais que associam a zona rural a uma falta de sofisticação ou progresso.

O preconceito contra a fala rural pode impactar a identidade linguística dos moradores da zona rural, levando-os a internalizar uma visão negativa de sua própria forma de falar. Isso pode influenciar suas atitudes linguísticas, possivelmente levando à tentativa de adaptação ou mudança de sua fala para se alinhar com o que é percebido como mais moderno ou aceitável.

Para a participante (04), a forma de falar dos caraubenses é definida como “cultura”, reconhecendo que a língua(gem) não é apenas um meio de comunicação, mas também uma expressão profunda da identidade cultural de uma comunidade. Ela expande essa visão ao afirmar que a fala de cada região é um reflexo direto de sua cultura. A associação direta da fala com a cultura regional reflete um entendimento sociolinguístico de que a linguagem varia de acordo com fatores culturais, sociais e históricos, como foi mencionado anteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as percepções dos falantes do município de Caraúbas/RN em relação ao seu próprio falar, buscando compreender como a variedade linguística local é vista por seus próprios usuários e como as atitudes linguísticas refletem o preconceito linguístico que perpassa a sociedade. Utilizando-se da Sociolinguística Variacionista como base teórica, foi possível observar uma rica diversidade linguística entre os falantes, de acordo com suas respostas, o que revela a complexidade e a dinâmica da língua em comunidades interioranas.

Os resultados revelaram uma tensão significativa entre a valorização afetiva do falar local e a internalização de normas sociais que privilegiam a norma padrão como símbolo de status e competência. Em contextos de maior intimidade, os participantes expressaram orgulho de seu sotaque e de suas expressões regionais, associando a fala à identidade cultural e ao pertencimento comunitário. No entanto, quando expostos a contextos formais ou externos, houve uma clara tendência de desvalorização, com muitos falantes acreditando que sua variedade linguística é inferior ou inadequada em comparação à norma culta.

Essa percepção negativa reflete o enraizamento do preconceito linguístico, que reforça a ideia de que apenas um padrão de língua é legítimo ou desejável. Tal visão não apenas desconsidera a riqueza da variação linguística, mas também contribui para a marginalização de comunidades que se afastam desse padrão. A pesquisa demonstrou que o preconceito linguístico é uma forma sutil, porém poderosa, de exclusão social, mesmo em contextos onde a diversidade linguística é parte essencial da identidade coletiva.

Além disso, a pesquisa contribuiu para evidenciar as relações entre língua e identidade, mostrando que a fala local carrega uma dimensão identitária significativa, ainda que marcada por conflitos entre o pertencimento à cultura local e as pressões externas para a conformidade com a norma culta. Esses achados são relevantes para o campo da sociolinguística, especialmente em se tratando de comunidades que ainda não foram amplamente estudadas, como é o caso de Caraúbas.

No entanto, algumas limitações devem ser reconhecidas, como o tamanho da amostra, que restringe a generalização dos resultados. Pesquisas futuras podem ampliar essa investigação por meio de uma abordagem comparativa, envolvendo diferentes grupos sociais e explorando outras cidades do interior do Rio Grande do Norte. Isso permitiria uma compreensão mais abrangente das dinâmicas linguísticas em contextos variados.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de uma conscientização maior sobre a valorização da diversidade linguística brasileira e a urgência de combater o preconceito linguístico. A língua é um dos principais elementos da identidade cultural e respeitar as diferentes formas de falar é essencial para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

REFERÊNCIAS

- ALTINO, Fabiane Cristina; SIMÕES, Dayse de Souza Lourenço. Tendências de reação de falantes curitibanos e londrinenses: um estudo de crenças e atitudes linguísticas. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 19, n. 2, 2017.
- BAGNO, Marcos Araújo. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BARBUIO, Eduardo. **Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala**. 2016. 137 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- CAMILO, Millena Thaís; MENDES, Sandra Mara da Silva Marques. Variação linguística e ensino: A adequação dos registros formais e informais nas práticas sociais de linguagem.
- CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. Editora Blucher, 2015.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Florianópolis: 2012.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSK, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**, v. 2, p. 15-41, 2006.
- FELIX, Rafael de Almeida Arruda. **Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística**. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista —Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2016.
- GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.
- IBGE**. (n.d.). Caraúbas (RN) - Cidades e Estados. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/caraubas.html>. Acesso em: 16 de agosto de 2024.
- LACERDA, Willian; CAVALCANTE, Daiane; LUCENA, Rubens. Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da Sociolinguística Variacionista. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 14, n. 27, p. 439-457, 2020.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAPERUTA-MARTINS, Maridelma. PRECONCEITO LINGUÍSTICO. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 305-326, 2017.

MARCONDES, Iara Lucia. Metalinguagem e Intolerância Linguística. **Letra Magna: Revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, lingüística e literatura.** Ano, v. 1, p. 1-11.

MORAIS E LIMA, Priscila Evangelista et al. **Atitudes linguísticas de paraibanos em relação ao seu próprio falar.** 2019.

Prefeitura Municipal de Caraúbas. (n.d.). **História de Caraúbas.** Disponível em: <https://www.caraubas.rn.gov.br/historia-de-caraubas/>. Acesso em: 16 de agosto de 2024.

SABINO, Vitória Machado; PHILIPPSEN, Neusa Inês. Atitudes linguísticas: uma análise das atitudes de sulistas e nordestinos moradores de Cláudia-MT. **Revista Moinhos**, n. 11, 2021.

SANTANA, José Humberto dos S.; OLIVEIRA, Islan Bispo de; REIS, Mariléia Silva dos. Monotongação e ensino: quando a variação linguística chega à escrita. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 65-85, 2015.

SILVA, Maria Luciléia Gonçalves. O papel da escola como instrumento de combate ao preconceito linguístico. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. e324614, 2021.

SOUZA-SILVA, André Luiz; LUCENA, Rubens Marques. Análise das atitudes linguísticas de falantes bananeirenses em relação ao seu próprio falar. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 16, n. 34, p. 34-53